

UMA BREVE PERCEPÇÃO DOS “MUSSEQUES” E DA “LÍNGUA” PARA A CONFIGURAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA NO CONTO “VAVÓ XÍXI E SEU NETO ZECA SANTOS”, DE LUANDINO VIEIRA

Renato de Oliveira Dering¹

RESUMO: Este estudo propõe uma reflexão sobre a representação dos musseques e os usos da língua no conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, de José Luandino Vieira, considerando suas relações com a configuração sócio-histórica de Angola. Objetiva-se analisar de que maneira o espaço narrativo e as escolhas linguísticas do autor articulam aspectos históricos, identitários e culturais, evidenciando questões relacionadas ao colonialismo e às formas de resistência da população angolana. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, desenvolvida a partir de uma perspectiva ensaística, em diálogo com estudos que discutem a literatura angolana, a linguagem e as relações coloniais. As discussões permitem perceber que os musseques, para além de espaços de representação das condições sociais, configuram lugares de manifestação cultural e identitária. Do mesmo modo, observa-se que o trabalho com a língua portuguesa, marcado pela presença da oralidade e de elementos linguísticos próprios de Angola, constitui uma forma de questionamento das imposições coloniais. Assim, compreende-se que a narrativa de Luandino Vieira possibilita outras percepções sobre as relações entre literatura, linguagem e sociedade, sobretudo no que se refere à valorização das experiências e identidades angolanas.

Palavras-chave: Literatura angolana; Luandino Vieira; Musseques; Língua; Colonialismo.

A BRIEF PERSPECTIVE ON “MUSSEQUES” AND “LANGUAGE” IN THE SOCIOHISTORICAL CONFIGURATION OF THE SHORT STORY “VAVÓ XÍXI E SEU NETO ZECA SANTOS”, BY LUANDINO VIEIRA

ABSTRACT: This study proposes a reflection on the representation of musseques and the uses of language in the short story “Vavó Xíxi e seu Neto Zeca Santos”, by José Luandino Vieira, considering their relationship with Angola's sociohistorical configuration. The aim is to analyze how the narrative setting and the author's linguistic choices articulate historical, identity-related, and cultural aspects, highlighting issues associated with colonialism and forms of resistance among the Angolan population. Methodologically, this is a qualitative study of a bibliographic and interpretative nature, developed from an essayistic perspective, in dialogue with studies addressing Angolan literature, language, and colonial relations. The discussion suggests that musseques, beyond representing social conditions, constitute spaces of cultural and identity expression. Likewise, the use of the Portuguese language, marked by orality and linguistic elements specific to Angola, can be understood as a means of questioning colonial impositions. Thus, Luandino Vieira's narrative allows for further perspectives on the relationships between literature, language, and society, particularly regarding the recognition and appreciation of Angolan experiences and identities.

Keywords: Angolan literature; Luandino Vieira; Musseques; Language; Colonialism.

¹ Pós-Doutor em Estudos de Linguagens pelo Posling/CEFET-MG e Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Diretor Geral e Coordenador do Instituto Dering (ID Educacional) e pesquisador no grupo LED/CNPq/ID Educacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7891833942208165> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0776-3436> E-mail: renato@institutodering.com.br

INTRODUÇÃO

A literatura angolana de expressão portuguesa constitui, frente à literatura da segunda metade do século XX, principalmente, um importante espaço de representação das experiências históricas, das vivências sociais e das percepções culturais decorrentes do processo colonial vivido pelo país. Nesse contexto, destaca-se o escritor José Luandino Vieira pela construção de narrativas que problematizam as relações de poder e as condições de vida da população angolana, sobretudo por meio da representação de espaços periféricos, bem como pela forma como percebe a língua.

Em seu conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, integrante da obra *Luuanda*, o autor mobiliza elementos espaciais e linguísticos que permitem compreender as tensões sociais e os processos de resistência cultural presentes na sociedade angolana. Considerando essas questões, este estudo parte do seguinte problema de pesquisa: de que maneira a representação dos musseques e os usos da língua no conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos” contribuem para a compreensão da configuração sócio-histórica de Angola e das formas de resistência ao colonialismo?

Assim, diante disso, o que se objetiva neste ensaio é analisar como o espaço narrativo e as escolhas linguísticas de Luandino Vieira articulam aspectos históricos, identitários e culturais, evidenciando as relações entre literatura, linguagem e sociedade. Busca-se, ainda, compreender de que modo esses elementos contribuem para a representação das tensões coloniais e para a afirmação da identidade angolana por meio da produção literária.

Este estudo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentada na leitura e análise do conto, em diálogo com contribuições teóricas de Chaves (2005), Oliveira (2014), Santos e Barbosa (2019) e Dering (2021). O estudo assume caráter ensaístico, uma vez que privilegia a reflexão crítica e a construção de interpretações acerca dos elementos literários selecionados, sem a pretensão de desenvolver uma análise aprofundada e/ou exaustiva da narrativa em si. Desse modo, propõe-se uma discussão exploratória sobre os musseques e a linguagem como elementos constitutivos da representação sócio-histórica e da resistência cultural angolana.

MUSSEQUES E LÍNGUA NA CONFIGURAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA ANGOLANA

O escritor angolano José Luandino Vieira é conhecido por suas contribuições significativas para a literatura angolana, principalmente, pela forma como se propõe a

compreender e debater o contexto de seu país, explorando aspectos que envolvem identidade, questões de colonialismo, bem como da independência de Angola.

Enquanto expoente na literatura africana de expressão portuguesa, há de se destacar características gerais importantes em sua obra, como o trabalho com a linguagem e a complexa abordagem temática que traz sobre temas sociais e culturais relacionados à Angola. Ocorre que Luandino é um dos precursores no que se refere à literatura angolana de expressão portuguesa, principalmente por compreender em sua literatura um papel crucial na representação e compreensão de questões éticas, sociais e históricas.

A poética de Luandino, assim como de outros escritores angolanos, sobretudo a partir da segunda metade do século XX é marcada pela superação da fragmentação da sociedade colonial, a constante defesa da luta anticolonialista e a busca pela construção de uma identidade angolana independente da portuguesa. José Luandino Vieira, filho de portugueses, muda-se ainda na infância para Angola, onde morou nos bairros populares de Luanda, convivendo com aqueles que, mais tarde, se tornariam os protagonistas de seus livros. Devido à sua intensa ligação com a capital angolana, passou a adotar, como parte de seu nome, o termo “Luandino”. (Silva, 2021, p. 153).

Assim, é importante observar que a produção literária de Luandino Vieira não se limita à apresentação de acontecimentos ou situações vivenciadas pela população angolana, mas possibilita uma leitura crítica das relações estabelecidas naquele contexto. Isso ocorre, uma vez que, ao construir suas narrativas, o autor incorpora elementos do cotidiano que permitem perceber as particularidades de uma sociedade marcada por desigualdades e conflitos.

“Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos” é um dos três contos publicados no livro *Luaanda*, de 1963 que tem como cenário os “musseques de Luanda”. Vale destacar que:

O debate em torno da assimilação colonial e dos sujeitos assimilados é recorrentemente tematizado por Luandino Vieira. No conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, deparamo-nos com a composição de um verdadeiro mosaico de narrativas que transitam entre os campos do fictício e do factível. O autor, sem se distanciar de seu compromisso político e estético, opta por tratar de uma série de temáticas e questões turvas e, em muitos casos, busca recriar através da sua literatura diversas experiências e sensações de sujeitos que vivenciaram na pele a dureza do processo de descolonização. (Silva, 2021, p. 154).

Os “musseques”, assim, têm uma história profundamente ligada ao período colonial e à segregação racial, ocasionada por questões socioeconômicas que resultaram na formação de bairros habitados, em especial, por negros.

Os musseques, também conhecidos como “bairros de lata”, carregam em si curiosa etimologia. Oriunda do Kimbundo (Quimbundo), a palavra “musseque” – mu seke – se traduz por areia vermelha. Isto se dá pelo fato de as primeiras ocupações terem sido cobertas por um material de coloração avermelhada. Em relação à origem, estes bairros periféricos já existiam desde a colonização, porém, de acordo com Quelhas (2006), teve seu apogeu a partir de 1962 quando ocorreu o êxodo da população rural para a capital Luanda. Neste período, a febre da construção civil e o lançamento da indústria fizeram os olhos da classe baixa brilharem na esperança de melhorias em suas vidas. Esses indivíduos se aglomeravam nos musseques, cuja formação se deu por um processo rápido e desorganizado, fazendo a região ser hoje um espaço visto como berço de marginalização, com pessoas à margem da zona metropolitana. (Oliveira e Feitosa, 2020, p. 41).

Destacar, inicialmente, o espaço da narrativa, é de suma importância. Vale ressaltar que “A obra em questão é bastante representativa no campo literário angolano. Isso, porque o lugar representado nos contos configura um espaço de força, no qual se encontra um importante reduto cultural” (Oliveira, 2014, p. 2). Em um trecho do conto, podemos observar a seguinte narrativa:

Era meio-dia já quase quando começou a ficar mais manso, mesmo com o céu arreganhador e feio, todo preto de nuvens. O musseque, nessa hora, parecia era uma senzala no meio da lagoa, as ruas de chuva, as cubatas invadidas por essa água vermelha e suja correndo caminho do alcatrão que leva na Baixa ou ficando, teimosa, em cacimbas de nascer mosquitos e barulhos de rãs. (Vieira, 2006, p. 12)

Diante disso, é importante compreender ainda que, por meio de sua narrativa, “o escritor revela uma face da situação do colonialismo em Luanda, como também a cidade dos musseques, espaço periférico de uma zona urbana que testemunhava as tensões e os conflitos daquele tempo” (Santos; Barbosa, 2019, p. 143). É propositivo ainda compreender que a questão social também vivida por aqueles dos musseques também representam uma resposta adaptativa daqueles sujeitos frente às limitações impostas por um contexto colonial adverso imposto pela colonização.

É possível perceber, também por meio do excerto do conto, questões da língua importantes para a construção da identidade nacional. Destaca Chaves (2005, p. 31-32) que “o aproveitamento de expressões tipicamente orais, onde se podem perceber algumas marcas do uso da língua portuguesa pelos falantes das línguas nacionais, demonstra o ponto de vista a ser defendido”.

Sobre o assunto, acrescenta Oliveira (2014, p. 12) que “através da subversão do código português, Luandino recria uma linguagem que possui como substrato o quimbundo, língua falada nos musseques, reconfigurando e aproximando o código português à realidade dos povos que representam o território angolano.”. Assim, o que se tem é podemos dizer que sua narrativa, observada por meio do conto em questão, acaba confirmando a subversão linguística que desafia, a seu modo, um *status quo* do poderio português, uma vez que promove resistência da cultura angolana e, por assim ser, assegura sua existência.

Ressaltam ainda Oliveira e Feitora (2020, p. 43) que Luandino “Ao se valer da língua quimbundo, Luandino valoriza e dá poder de fala a esse grupo social. Logra por construir uma ponte de afetividade com personagens moradores dos musseques, cumprindo um papel fundamental na história da literatura angolana.”. Assim, esse recurso legitima a identidade cultural local e estabelece uma forma de soberania estética/literária que fundamenta a literatura angolana. Essa proposta transfere a centralidade discursiva que se esperaria para a oralidade urbana das periferias de Luanda.

Chaves (2005, p. 35) afirma que “As ‘limitações’ e as ‘complementações’ no texto literário devem ser interpretadas como uma forma de sancionar esse uso ‘imperfeito’ da língua em lugar de aderir à norma padrão do idioma de fora trazido.”. Assim, a proposta da proximidade com a oralidade, bem como as escolhas lexicais configuram formas de subversão linguística. Isso ocorre, pois, ao empregar expressões próprias de Angola, o autor se propõe a refletir sobre a identidade e a realidade do povo angolano.

É necessário destacar que essa opção, ainda, além de enriquecer sua narrativa, pode ser considerado um ato, inclusive, de decolonialidade, pois visa à autonomia e à diversidade linguística do país. Com essa proposta, o que se pode perceber, dialogando com os autores e o texto literário, volta-se para a percepção de “uma hierarquia linguística na sociedade advinda do eurocentrismo. Esse tipo de hierarquia acaba por controlar as formas de conceber conhecimento”. (Dering, 2021, p. 25).

Por fim, o que se pode perceber é que tanto os “musseques” quanto o modo de trabalhar e usar a língua, no conto de Luandino, são essenciais para compreender como as questões coloniais foram fortes na vida dos angolanos e como a língua, em seus modos de apresentação e representação foram essenciais para a resistência de questões coloniais.

CONSIDERAÇÕES

Diante das discussões propositivas, o que se pode perceber é que o conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, de José Luandino Vieira, possibilita compreender questões importantes que envolvem a configuração sociais e históricas de Angola, principalmente no que se refere às relações estabelecidas entre o espaço narrativo e os usos da língua. Nesse sentido, os “musseques”, mais do que espaços de representação de condições sociais que são vivenciadas pela população angolana, configuram-se também como lugares em que se manifestam outras questões culturais, bem como identitárias que vão dialogar diretamente com o contexto colonial.

É importante compreender, ainda, que a língua, na narrativa de Luandino, assume um papel importante, significativo e, até mesmo, emblemático, nesse processo, visto que suas escolhas linguísticas não se limitam a uma proposta estética/literária, mas também representam uma forma de questionamento das imposições coloniais.

Assim, o que se observa na leitura crítica aqui proposta é que tanto a representação dos musseques quanto o trabalho com a linguagem permitem perceber formas de resistência que se constituem por meio da literatura, sobretudo quando se considera a valorização das particularidades culturais e linguísticas angolanas.

Cabe retomar, por fim, que, por se tratar de um estudo ensaístico, as discussões aqui apresentadas não pretendem esgotar as possibilidades de análise do conto, mas propor algumas reflexões sobre os elementos observados.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

DERING, Renato de Oliveira. **A prova de redação do Enem: manutenção da colonialidade por meio do ensino de produção textual**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/1f4b8ee0-d2e0-4a1f-921e-adc7cf482200> Acesso: 10 ago. 2025.

OLIVEIRA, Adriana Souza de. Luaanda: Vozes e discurso. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.1, n. 11, pp. 4- 16, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/5005> Acesso: 24 set. 2025.

OLIVEIRA, Rayana Kelly Rodrigues de; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. A Vida nos Musseques: a Geograficidade em “Vavó Xíxi e seu Neto Zeca Santos”. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, São Luís, v. 6, n. 1, p. 36-44, jan./jun. 2020.

Disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/13909> Acesso em: 20 out. 2025.

SILVA, Mateus Roque da. Assimilação para exclusão: questões de pertencimento em “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, de José Luandino Vieira. **Revista História em Curso**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 152-162, dez. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/historiaemcurso/article/view/27835>. Acesso em: 20 out. 2025.

SANTOS, Alexandre da Silva; BARBOSA, Keith. Os musseques de José Luandino Vieira e a história de ocupação dos espaços urbanos de Luanda (1950-1970). **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, n. 15, abril. 2019 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/42071> Acesso: 03 out. 2025.

VIEIRA, José Luandino. **Luuanda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido: novembro de 2025.

Aceito: dezembro de 2025.